ATAQUE DO HAMAS A ISRAEL É UMA VIRADA DE JOGO REAL

*Por Richard Sindelar**



Militar israelense observa a aproximação de um caça F-35 Adir da Força Aérea de Israel (FDI).

O que será inevitavelmente lembrado como uma ignóbil falha da inteligência israelense abriu um leque de ameaças e desafios para Israel.

O ataque do Hamas a Israel envolveu centenas de militantes de várias células e unidades. Exigiu planejamento, treinamento e coordenação demorados e sofisticados, bem como a integração de diferentes ferramentas e plataformas – entre elas infantaria, mísseis e defesas antiaéreas. Além disso, a logística do Hamas teve que incluir a montagem e importação de grande quantidade de equipamento.

As pegadas de tais atividades e planejamento deveriam ter sido evidentes para os espiões e observadores de Israel, que se acredita estarem integrados na estrutura do ambiente político e militar de Gaza.

O fato de as agências de inteligência não terem conseguido captar a ameaça que se aproximava deixou Israel com uma série de desafios diferentes, ampliados na psique do público israelense pelas baixas sem precedentes infligidas e pelos numerosos reféns levados para Gaza.

Uma incógnita crucial é se, e de que forma, o Hezbollah poderá agir. As forças de manutenção da paz da ONU no Líbano estão se preparando para uma potencial atividade militar, e o Hezbollah poderá ver politicamente uma oportunidade incomum para enfrentar Israel mais uma vez. Há muito abastecido e treinado pelo regime iraniano, o Hezbollah possui cerca de 130 mil foguetes e mísseis que poderiam ser lançados contra Israel.

Até agora, os ataques com foguetes do Hezbollah têm sido muito limitados em comparação com a guerra de 2006, e o Hezbollah poderá não se envolver em muito mais do que pequenos intercâmbios simbolicamente solidários na zona fronteiriça. O que é hoje um partido político legítimo do Líbano sofreu uma derrota militar e política na guerra de 2006 com Israel. A ampla destruição da guerra diminuiu a popularidade do grupo e sua legitimidade entre o público libanês, atrasando seus esforços para se aproximar da corrente dominante da política libanesa. Isso poderia fazer com que os líderes do Hezbollah façam uma pausa agora.

Como o Irã poderá reagir? Com a recente intensificação militar dos EUA no Golfo Pérsico, Teerã será cauteloso em tomar qualquer ação direta que possa provocar uma retaliação dos EUA em defesa de Israel. Mas as unidades do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica na Síria poderiam ser utilizadas de alguma forma – talvez em uma redistribuição simbólica para o sul do Vale do Beqaa, o que forçaria Israel a deslocar unidades para o norte como precaução. Unidades da Guarda Revolucionária poderiam realizar ataques com foguetes a partir do norte do Líbano ou da vizinha Síria. Isto é improvável, mas é mais uma ameaça potencial para a qual os militares de Israel devem desviar alguns recursos.

Como demonstração de apoio ao Hamas, o Irã provavelmente tentará enviar mais foguetes e armas para o Hamas através de canais clandestinos. A capacidade de Israel de interditar tais fornecimentos está em questão. Na verdade, como é que o Hamas reuniu uma frota tão grande de foguetes para bombardear Israel? O Hamas e a Jihad Islâmica Palestina têm a capacidade de construir algumas destas armas, mas o impulso e o rastreamento dos projéteis vistos nas redes sociais sugerem versões sofisticadas vindas de fora. E o Sinai é uma peneira – os contrabandistas incluem beduínos locais experientes, agentes militantes, um aparato militar e de segurança egípcio indiferente e uma grande quantidade de corrupção local.

O potencial acordo de normalização saudita-israelense certamente será interrompido. Se o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu cumprir os seus votos de "poderosa vingança" contra Gaza, estas discussões se tornariam, sem dúvida, uma vítima. A Arábia Saudita, que se descreve como "guardiã dos lugares sagrados" em Meca e Medina, não pode ser vista no Oriente Médio como alguém que tolera ou desculpa um ataque devastador contra seus colegas árabes em Gaza.

Internamente, Israel enfrenta igualmente uma série de ameaças à segurança interna que irão esgotar seus recursos. A audácia do ataque do Hamas provavelmente irá quase certamente inspirar e inflamar a Cisjordânia para outro período de grave agitação semelhante à da intifada. Os habitantes da Cisjordânia estão cada vez mais pessimistas e combativos em suas percepções de uma anexação progressiva da Cisjordânia, de uma repressão opressiva das Forças de Defesa de Israel (FDI) nas aldeias e de repetidas violações do Haram al-Sharif de Jerusalém e de sua mesquita sagrada de al-Aqsa. Dentro dos territórios ocupados, cada assentamento judaico será um alvo potencial que necessitará de proteção reforçada.

Ao mesmo tempo, os escassos recursos de segurança também terão que ser reforçados dentro de Israel contra o que provavelmente será um recrudescimento

de ataques terroristas, através de bombas ou veículos. Além disso, muitos árabes israelenses compartilham o pessimismo dos seus irmãos da Cisjordânia. Um aumento nos protestos e até na violência na Galileia, por exemplo, também exigirá mais presença de segurança.

Esta combinação volátil evoluirá quase certamente para um novo período de agitação generalizada, a longo prazo, e ocorrerá em um momento em que mais palestinos na Cisjordânia terão armas em vez de pedras.

Mas os reféns israelenses levados a Gaza representam o desafio mais complicado, tanto para os decisores políticos israelenses, como taticamente para as FDI. Os líderes israelenses tradicionalmente ordenavam ataques aéreos direcionados, mas maciços contra os líderes, quartéis-generais, edifícios de operações e ativos militares do Hamas em Gaza. Na verdade, Netanyahu ameaçou transformar "todos os lugares onde o Hamas se esconde… em cidades em ruínas". Incursões terrestres de âmbito variado podem ser utilizadas para desenterrar militantes, redes e esconderijos de armas, e para procurar fechar rotas de abastecimento e túneis para armas clandestinas.

Mas com cada uma destas opções, Israel corre o risco de causar danos colaterais aos seus civis e ao pessoal das FDI mantidos em cativeiro. Você lança ataques aéreos contra edifícios onde os israelenses podem ser mantidos como escudos? Como o próprio Israel salientou inúmeras vezes, a estratégia do Hamas envolve rotineiramente incorporar seus centros de operações em edifícios civis. Agora, esses edifícios podem conter prisioneiros israelenses espalhados friamente por centros-chave. Qualquer incursão terrestre poderia ser ainda pior, com reféns apanhados no nevoeiro da guerra inerente aos pesados campos de fogo lançados por tanques, artilharia e formações de tropas em avanço.

É claro que informações sólidas poderiam minimizar os riscos, revelando os locais onde os reféns são mantidos, por quais unidades do Hamas e até mesmo a topografia para possíveis resgates. Mas qual político israelense vai confiar na inteligência sobre atividades tão difíceis de discernir e de pequena escala, quando a inteligência israelense não percebeu as grandes pegadas e o planejamento de longo prazo envolvidos nos ataques maciços do Hamas no feriado Simchat Torá?

A ofensiva do Hamas mudou os paradigmas regionais. Durante semanas e talvez meses, a política de reféns, um Hezbollah encorajado, a intromissão iraniana e uma provável nova intifada consumirão Israel.

Publicado no 1945.

***Richard Sindelar** é diplomata americano aposentado com três missões no Bureau de Inteligência e Pesquisa do Departamento de Estado. Hoje atua como diretor do Centro de Estudos Internacionais da Universidade de St. Thomas, em Houston, onde ministra cursos na política externa dos EUA e no direito internacional, entre outros.*